

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
LUZ E SOMBRA – REPRESENTAÇÕES DA IDADE MÉDIA NO CINEMA
6 e 7 de dezembro de 2022

JIGOKUMON / 1953 (*Amores de Samurai*)

um filme de Teinosuke Kinugasa

Realização: Teinosuke Kinugasa / **Argumento:** Teinosuke Kinugasa, segundo uma história de Kan Kikuchi / **Fotografia:** Kohei Sugiyama / **Direcção Artística:** Kisaku Itoh / **Direcção Musical:** Yasushi Akutagawa / **Interpretação:** Kazuo Hasegawa (Moritoh), Machiko Kyo (Kesa), Usao Iamagata (Wataru), Yataro Kurokawa (Shigemori), Kotaro Bando (Rokuroh), Jun Razaki (Kogenta), Koreya Senda (Kitomori).

Produção: Daiei / **Produtor:** Masaichi Nagata / **Cópia:** DCP, colorida por Eastmancolor, versão original legendada em francês e eletronicamente em português, 89 minutos / **Estreia Mundial:** Japão, em 31 de Outubro de 1953 / **Estreia em Portugal:** Monumental, a 13 de Dezembro de 1955.

Jigokumon foi o terceiro filme japonês a estrear-se em Portugal. O mesmo realizador, Teinosuke Kinugasa, era o autor do primeiro filme do Japão que chegara até nós, em 1929, **Jujiro**, uma obra insólita. Foi um tempo em que se procuraram descobrir cinematografias exóticas que rapidamente foram arredadas pela impossibilidade de competirem, técnica e economicamente, com a triunfante indústria americana que “esmagava” tudo à sua passagem. Isto, primeiro, a guerra depois, fizeram do cinema japonês apenas uma estranha e longínqua referência. Foi só no começo da década de 1950, quando começavam a sarar as feridas da guerra e a indústria do cinema no Japão se recompunha, que os seus filmes começavam a tentar chegar aos mercados ocidentais. A melhor forma para isso foi a exibição de um certo tipo de exotismo explorado pelas reconstituições históricas e o cinema de aventuras, regido por códigos bastante rígidos à semelhança do *western* americano.

Rashomon, de Akira Kurosawa, abriu as portas através do festival de Veneza, vindo a conquistar também o Oscar do melhor filme estrangeiro. Tirando partido da curiosidade despertada o filme chegou depressa até nós (1953). A “curiosidade” também morreu depressa, ou melhor, o interesse dos distribuidores. Enquanto a pouco e pouco a Europa descobria Mizoguchi, Ozu e Naruse, entre outros, só na segunda metade da década de 1960 se assistiu a um maior interesse da distribuição nos filmes daquele país. Os anos 50, entre nós, ficaram reduzidos a três “cartões de visita” do Japão nas salas portuguesas, e por causa do aval dos prémios internacionais recebidos: o referido **Rashomon**, este **Jigokumon**, Palma de Ouro no Festival de Cannes e também Oscar para o melhor filme estrangeiro, em 1955 e, dois anos depois, **Konjiki Yasha** de Eizo Tanaka, que recebeu entre nós o título de **Demónio Dourado**. Será preciso esperar por 1960 para o “país do sol nascente” voltar a brilhar entre nós com o filme de Hiroshi Inagaki, premiado em Veneza, **Mohamatsu No Issho (O Homem do Rickshaw)**, interpretado por Toshiro Mifune.

Dos poucos filmes que por cá apareceram **Jigokumon** ocupa um lugar especial, não tanto pela intriga (sem a complexidade de **Rashomon**) como pela sua construção e apresentação plástica. O fascínio que o filme de Kinugasa exerceu (e ainda exerce) está fundamentalmente na "pintura", na organização cromática e desfile de cores que se junta às grandes experiências com a cor (terminado o monopólio do Technicolor) que se faziam um pouco por todo o lado desde o final da segunda grande guerra, da URSS (o final da segunda parte de **Ivan Grozy** de Eisenstein), aos EUA (**Moulin Rouge** e **Moby Dick**, de John Huston, e os delírios visuais de Minnelli e os onirismos de Leisen em **Lady in the Dark**), passando pelo francês Jean Renoir em rota pela Índia (**The River**) e por Itália (**Le Carrosse d'Or**), sem esquecer o papel da Inglaterra (**A Matter of Life and Death, Gone to Earth** de Powell e Pressburger), etc. Isto implica referir um elemento fundamental nestes filmes: o director de fotografia, Jack Cardiff e Christopher Challis, no caso dos filmes de Huston e Powell, Claude Renoir, nos do seu tio Jean. O mesmo vale para os filmes japoneses. No caso de **Jigokumon** o nome a referir é o de Kohei Sugiyama, que fora o colaborador de Mizoguchi em **Ogetsu Monogatari (Contos da Lua Vaga)**. O trabalho da cor no filme de Kinugasa representou para Sugiyama um desafio, mas apesar da indiscutível beleza parece, de certo modo, um "esboço", uma primeira experimentação antes de se abalar em experiências mais ousadas de cujos frutos conhecemos o filme que dois anos depois fez com Mizoguchi **Yokichi (A Imperatriz Yang Kwei Fei)**. Se falo em esboço é porque a partir da segunda metade do filme começa a sentir-se um desequilíbrio formal neste campo. Até então, e principalmente durante a prodigiosa meia hora inicial, a cor, tal como descobrimos nos filmes atrás citados, surge como uma espécie de "personagem" que reflecte a evolução psicológica, a carga dramática e as paixões dos personagens, servindo também de referente estético, com a belíssima exploração dos tons dourados, do azul, do violeta, etc. O trabalho cromático é particularmente deslumbrante nas pinturas guerreiras em paralelo com as cenas de batalha. Neste campo destaca-se também uma característica particular do filme de Kinugasa (a coreografia dos movimentos de corrida e os rituais dos gestos dos guerreiros) que reflecte, mais do que em qualquer outro cineasta japonês, a influência do teatro kabuki, de uma forma que um olhar ocidental só voltará a ver nos frescos históricos de Kurosawa: **Kagemusha** e **Ran**. Tal característica começa a cair um pouco no "decorativismo" ou na "beleza em si", numa espécie de languidez que começa a impor-se na noite trágica, em particular os azuis dos exteriores (ainda herdeiros de um "olhar" do cinema mudo, quando aquela tonalidade se "identificava" com as cenas nocturnas nas cópias "tintadas") que devem ter encantado Hollywood para lhe dar o (apesar de tudo bem merecido) Oscar.

Jigokumon é a história da obsessão de um homem por uma mulher, que acaba por "enlouquecê-lo" e levá-lo ao crime. Neste aspecto é um filme que exemplifica bem a obra deste antigo actor de teatro especializado em papéis femininos que foi Kinugasa, mestre no tratamento destas obsessões funestas que o referido **Jujiro** e o mais antigo e nosso conhecido **Kurutta Ipeiji ("Uma Página Louca")** testemunham. Há quem possa ver aqui uma história de "amor louco". Não é esse o caso. A paixão de Moritoh é um desejo de posse exclusivo que não se compadece com sentimentos, como o último encontro dele com Kesa testemunha, ameaçando matá-lo e aos seus, se não aceder aos seus desejos. Se existe aqui uma história de amor, essa é a que une Kesa ao marido Wataru, e deste à sua mulher. A primeira imolando-se quando toma o lugar do marido no lugar onde será atacado. O segundo, na portentosa cena final que opõe a Maritoh, vestido de branco, qual estátua de dor. A morte de Kesa marca o apaziguamento da paixão e o arrependimento da loucura. Como o marajá da obra prima de Fritz Lang **Das Indische Grabmal**, outro possesso de amor, despoja-se dos atributos do poder para buscar a paz e o perdão num convento.